



Contra o corte cego da consoante muda

Estou a ficar velho, mas a culpa não é minha. O corpo cria poucos cabelos brancos, ainda menos rugas e quase nenhuma pança, e a mente consegue manter-se imatura sem esforço nenhum. Estou a ficar velho por causa do acordo ortográfico. Aos 37 anos, sou um daqueles velhinhos que teimam em escrever «pharmácia» porque no tempo deles era assim. Bem sei que é cedo demais para estas teimosias, mas resisti até onde pude. Eu tentei não ser reaccionário. Não tentei com muita força, mas tentei. Continuei a escrever como sempre, mas os revisores da VISÃO tinham depois o trabalho de corrigir o texto de acordo com a nova ortografia. Vou pedir-lhes que deixem de o fazer. Eu sou do tempo em que se escrevia «recepção». Não adianta fingir que sou do tempo em que se escreve «receção» para nos aproximarmos dos brasileiros – que, curiosamente, vão continuar a escrever «recepção».

O leitor quer saber porque é que este acordo ortográfico é absurdo, do ponto de vista linguístico? Então leia um linguista, que já vários se pronunciaram sobre isso. Comigo não conta para erudição, como sabe. Eu li os linguistas, mas quem me convenceu a ser contra o acordo foi a minha avó – que só tinha a terceira classe. «Ui, vem aí digressão biográfica», pensa o leitor. «E mete avós pouco instruídas, que acabam sempre por ser as mais sábias», continua, já um tanto impertinente. Tenha calma, não é uma enfadonha história de sabedoria anciã. É uma enfadonha história

de amor ancião. Nos anos decisivos da minha vida, passei muito tempo em casa da minha avó, que não era, digamos, uma pessoa exuberantemente afectuosa. Não era dada a beijos e abraços. Sucede que, talvez por isso, eu também não sou uma pessoa exuberantemente afectuosa. Também não sou dado a beijos e abraços. Quando quero explicar a uma pessoa que gosto dela, tenho de recorrer a outros estratagemas. A minha avó cozinhava. Ou esperava por mim à janela. Eu digo coisas. Deu-me para isto. Faço tudo o que é importante com palavras, porque não sei fazer doutra maneira. Acho que foi isso que me atraiu na actividade de fazer rir as pessoas: trata-se de provocar uma convulsão física nos outros – mas sem lhes tocar. O Marquês de Sade gabava-se de produzir este e aquele efeito nas senhoras. Sim, mas a tocar também eu. Gostava de ver o sr. Sade fazer com que alguém se contorcesse sem contacto físico.

Dito isto, eu estou preparado para que as palavras se alterem, para que a língua mude. Em português, temos a palavra «feitiço». Os franceses, que não podem ver nada, levaram-na e transformaram-na na palavra «fetiche» (quem mo disse foi o professor Rodrigues Lapa). Nós voltámos a ir buscá-la, e agora usamos feitiço para umas coisas e fetiche para outras. Portanto, a língua mudou e mudou-nos. Ter fetiches é diferente (e mais compensador) do que ter feitiços. Mas a ordem certa é esta: a língua muda, e depois muda-nos. Não somos nós que mudamos a língua na esperança de que ela nos mude da maneira que queremos. Se o objectivo é aproximarmo-nos dos brasileiros, aproximemo-nos dos brasileiros. Logo se verá se a língua resolve aproximar-se também.

Claro que isto são rabugices de leigo. As rabugices de linguista têm mais valor, evidentemente. Mas o leitor também rabujaria se um acordo internacional o obrigasse a abraçar de outra forma, ou a beijar de modo diferente. «Recepção» escreve-se com «p» atrás do «ç». É assim porque o «p» provoca uma convulsão no «e» – sem lhe tocar. E eu tenho alguma afeição por quem consegue fazer isso.

Ricardo Araújo Pereira escreve de acordo com a antiga ortografia



Aos 37 anos, sou um daqueles velhinhos que teimam em escrever «pharmácia» porque no tempo deles era assim. Eu tentei não ser reaccionário. Não tentei com muita força, mas tentei